



Princesas da Disney, Interseccionalidade e Educação Matemática: proposições didático-formativas a partir da cultura midiática

Monike Alves Gouvea¹
Daniel Bazolli dos Santos²

Resumo do trabalho: Este trabalho analisa, sob uma perspectiva interseccional, representações de princesas da Disney e propõe articulações teórico-metodológicas com a Educação Matemática. Partindo do entendimento de que artefatos culturais participam da produção de expectativas sobre gênero, sexualidades, pertencimentos culturais e outros marcadores sociais, argumenta-se que tais narrativas atravessam o espaço escolar e informam regimes de reconhecimento também na matemática. O estudo configura-se como ensaio teórico-propositivo com sugestões didáticas, articulando referenciais da interseccionalidade e da Educação Matemática. São apresentadas sequências de atividades inspiradas nas franquias de filmes *Moana* e *Frozen*, que mobilizam conteúdos como sistemas de numeração, geometria, números inteiros e estatística, articulando-os a debates críticos. Defende-se que a matemática pode ser compreendida como produção humana situada e que sua problematização, em diálogo com a cultura midiática, pode contribuir para práticas comprometidas com encontros de diferenças e com a ampliação dos horizontes da inclusão na escola e na matemática.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas; BNCC; Gênero; Sexualidades.

Introdução

Os discursos hegemônicos, historicamente produzidos e reiterados, operam como dispositivos constituintes de identidades, moldando expectativas, desejos e modos de ser (Foucault, 1997). Nesse processo, gênero e sexualidades não emergem como atributos naturais dês sujeitos³, mas como efeitos de práticas sociais, discursivas e materiais que participam de sua constituição desde a infância.

Como observam Baliscei e Vagliati (2021), meninas e meninos são orientados desde cedo a ocupar universos lúdicos distintos: elas incentivadas a interagir com brinquedos, narrativas e dinâmicas marcadas pela calma, pelo

¹ UERJ, monikealvesgouvea@gmail.com

² Secretaria de Educação de Taubaté - SP, danielsts123@gmail.com



cuidado e pela organização; eles estimulados a explorar atividades mais agitadas e desafiadoras.

Essas diferenciações, longe de neutras, operam como mecanismos de internalização de gênero que se sedimentam com o tempo. Esse processo de “fabricação” dos indivíduos, como argumenta Louro (2014), é contínuo e sutil, inscrito nas práticas cotidianas, nos olhares, nas expectativas e nos discursos que regulam quem pode ser, desejar e fazer determinadas coisas. Antes de se consolidar em normas explícitas, o gênero se produz nas interações diárias e nas narrativas culturais que nos foram habituadas.

É nesse terreno cultural, no qual se (re)produzem modelos de feminilidades e masculinidades, que personagens como as princesas da Disney ganham centralidade enquanto artefatos hegemônicos de forte potência discursiva. Elas condensam expectativas sociais e fantasias midiáticas difundidas globalmente. Em suas diferentes temporalidades, são representadas como belas, delicadas e resilientes ou, recentemente, como corajosas e, eventualmente, insubmissas.

Apesar de uma aparente diversidade de traços físicos e disposicionais, tais personagens continuam a se articular a padrões restritivos de gênero, sexualidades, raça, classe e corpo, nem sempre problematizados pelo público, sobretudo em um primeiro momento. Nesse sentido, ao adotarmos uma lente interseccional (Collins; Bilge, 2021), buscamos evidenciar como essas diferenciações são produzidas e naturalizadas no campo da cultura.

A interseccionalidade busca compreender como marcadores sociais distintos se entrecruzam para produzir experiências específicas de privilégio e marginalização. Em vez de categorias isoladas, configura-se por articulações simultâneas que sustentam sistemas de opressão (Collins; Bilge, 2021). No caso das princesas da Disney, essa abordagem permite observar como as narrativas que as envolvem mobilizam determinadas feminilidades cis-heteronormativas, frequentemente marcadas pela branquitude, delimitando quais corpos são autorizados a ocupar posições de heroísmo, desejo ou liderança.



Embora situadas no campo da cultura midiática, tais produções não se restringem ao universo do entretenimento. Elas constituem repertórios simbólicos que atravessam a escola e informam expectativas sobre os estudantes. No campo da matemática, isso se expressa em expectativas diferenciadas de desempenho, na legitimação simbólica de certos perfis como “mais aptos” e na naturalização de fracassos sob a aparência de neutralidade (Mendick, 2006). Trata-se de um campo que, sob a pretensa objetividade, normaliza fracassos e celebra uma meritocracia que invisibiliza desigualdades históricas e sociais.

Diante desse cenário, ao compreender a educação matemática inclusiva como uma perspectiva fundada em “encontros de diferenças”, Skovsmose (2019) propõe uma inclusão que não se limita à incorporação de sujeitos à normalidade instituída, mas que questiona os próprios critérios de normalidade. Assim, Educação Inclusiva não se reduz à Educação Especial, mas constitui inflexão crítica dos padrões que estruturam a escola e a matemática, frequentemente responsáveis por rotulações e exclusões de sujeitos que não se ajustam ao instituído, seja por razões físicas, sensoriais, culturais, sociais ou econômicas (Malinosky; Rodrigues, 2019).

Inspirados por essa concepção, mobilizamos as princesas da Disney, não para estabelecer paralelos simplistas entre fantasia e escola, mas para tensionar práticas e discursos que permeiam a matemática. Busca-se, assim, estimular salas de aula mais acolhedoras, capazes de reconhecer a pluralidade e de desafiar as hierarquias que historicamente têm delimitado quem “pertence” a esse campo.

Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo analisar, sob uma perspectiva interseccional, as representações de princesas da Disney e propor articulações teórico-metodológicas com a Educação Matemática, elaborando dispositivos formativos que problematizem discursos de gênero e outros marcadores sociais no contexto escolar, tornando-o mais inclusivo.

Princesas da Disney sob uma lente interseccional



A interseccionalidade, ao evidenciar que pessoas são posicionadas de modo distinto no mundo a partir do entrecruzamento de múltiplos marcadores sociais (Collins; Bilge, 2021), oferece uma chave analítica potente para indagar por que certas figuras são mais facilmente reconhecidas como legítimas, desejáveis ou heroicas. Sob essa perspectiva, as princesas da Disney constituem artefatos culturais implicados na constituição de sentidos sobre gênero, raça, etnia, classe e sexualidades, não meras representações inocentes ou ficcionais. Trata-se, portanto, de analisar dispositivos culturais e não de avaliar moralmente as obras.

Embora narrativas recentes apresentem protagonistas mais autônomas, menos dependentes de enredos românticos e situadas em contextos culturais plurais, é preciso cautela ao reconhecer transformações pontuais sem interrogar continuidades estruturais. Como adverte Angela Davis (2023), a simples incorporação de mulheres em posições de destaque, inclusive daquelas que fogem aos estereótipos da branquitude, por si só, não garante igualdade ou justiça. Tais movimentos podem renovar simbolicamente sistemas ainda organizados por desigualdades estruturais.

Nesse sentido, a análise interseccional permite deslocar a compreensão dessas personagens de uma lógica de avanços lineares para uma leitura que reconhece ambivalências. As identidades ali representadas articulam múltiplos pertencimentos que produzem efeitos distintos de reconhecimento e silenciamento.

A personagem *Elsa*, por exemplo, frequentemente celebrada como símbolo de autonomia e emancipação feminina, ilustra esse movimento. Sua trajetória é marcada pela diferença, pelo isolamento e pela não conformidade a expectativas afetivo-românticas. No entanto, sua branquitude, magreza e aderência a padrões estéticos hegemônicos contribuem para sua legitimação como heroína. Sua narrativa, portanto, desafia certos roteiros de gênero ao mesmo tempo em que permanece ancorada em características socialmente valorizadas.

Moana, por sua vez, desloca a centralidade da branquitude ao ser situada em um contexto inspirado em povos originários do Pacífico. Essa representação



amplia repertórios de identificação cultural. Ainda assim, a diferença é frequentemente enquadrada sob lógica de aventura e exotização, atenuando assimetrias históricas e políticas que atravessam os povos representados. Assim, tanto *Elsa* quanto *Moana* ocupam uma posição simultaneamente tensionadora e reprodutora de hierarquias, ainda que a partir de marcadores distintos.

Ao trazer essas personagens para o campo da Educação Matemática, busca-se reconhecê-las como dispositivos culturais que participam da produção de expectativas e hierarquizações que transpassam a escola. Nesse movimento, a leitura interseccional das princesas funciona como ponto de partida para refletir sobre como diferentes regimes de poder, como o disciplinar, o estrutural, o cultural e o interpessoal (Collins, 2024), enviesam também as práticas educativas e os modos de reconhecimento de sujeitos no espaço escolar. Também na matemática escolar operam regulamentações que legitimam certos corpos, vozes e modos de participação, ao passo que marginalizam outros.

Da cultura midiática à Educação Matemática: possibilidades

Partindo da compreensão de que a cultura midiática participa ativamente da constituição de subjetividades e de expectativas sociais, a Educação Matemática pode apropriar-se desses artefatos não como instrumentos neutros de “motivação”, mas como disparadores de leituras críticas do mundo. Abre-se, assim, a possibilidade de pôr em questão discursos consagrados sobre quem pode aprender matemática, como e para que se aprende, deslocando o foco de uma matemática supostamente neutra para uma situada em contextos sociais, culturais e políticos.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho possui natureza teórico-propositiva, ancorada em referenciais da Educação Matemática e em análises de cunho interseccional, que articula análise cultural e elaboração pedagógica. Não se trata de um estudo empírico, mas da elaboração de propostas didáticas concebidas como dispositivos formativos e reflexivos para docentes que não devem ser tomadas como modelos replicáveis, cabendo aos educadores avaliar



complexidade, tempo pedagógico e condições materiais, além da pertinência de aprofundar as discussões mobilizadas.

Recomenda-se que as atividades sejam antecedidas pela exibição do filme ou por um levantamento dos repertórios prévios da turma. O diálogo inicial permite identificar percepções naturalizadas e construir coletivamente a base para as problematizações matemáticas e sociais subsequentes.

Importa destacar que as atividades matemáticas não são neutras em si; sua formulação pode reforçar ou tensionar expectativas generificadas e racializadas sobre desempenho, liderança e participação. Ao articular conteúdos a narrativas midiáticas, busca-se não só contextualizar conceitos, mas explicitar como determinadas associações foram historicamente vinculadas a certos perfis, exigindo deslocamentos pedagógicos intencionais.

Apresentam-se, a seguir, discussões críticas e atividades conectadas a quatro animações da Disney: *Moana – um mar de aventuras* (2016), *Moana 2* (2024), *Frozen – uma aventura congelante* (2013) e *Frozen 2* (2019). Cada proposta articula enredo e personagens a tópicos curriculares e diferentes metodologias.

As atividades inspiradas na franquia *Moana* têm como proposta central explorar os sistemas de numeração a partir de uma perspectiva histórica e cultural, articulando o enredo das animações à compreensão da Matemática como uma produção humana em constante construção. A narrativa dos filmes, marcada pela navegação, pela ancestralidade e pela relação entre diferentes territórios e culturas, oferece um contexto fértil para trabalhar a ideia de que distintas civilizações desenvolveram formas próprias de registrar, organizar e comunicar quantidades, de acordo com suas necessidades.

A metodologia escolhida para a proposta é a Rotação por Estações, inspirada no enredo do filme, representando diferentes ilhas, com atividades contextualizadas pelos sistemas de numeração que contribuíram para a História da Matemática. Nessa dinâmica, es estudantes percorrem ilhas que abordam sistemas



como o egípcio, o romano, o maia, o babilônico, o hindu e o árabe, entrando em contato com diferentes símbolos, regras, contextos e operações. Ao transitar por elas, os alunos são convidados a observar regularidades, comparar estratégias, identificar limitações e potencialidades de cada sistema.

Ao longo das atividades, os educandos realizam observações, registros, comparações e análises a partir de situações contextualizadas, investigando como cada sistema de numeração responde a determinadas demandas sociais, como comércio, agricultura, contagem do tempo, navegação e organização territorial. O processo favorece a organização, representação e comunicação de informações de forma crítica e argumentativa.

A proposta dialoga com as Competências Específicas de Matemática para o Ensino Fundamental presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Também se aproxima de estudos que defendem a inserção da História da Matemática como estratégia para a compreensão conceitual e para a valorização de diferentes produções culturais. Nesse sentido, a dissertação de Leite (2014) destaca o potencial pedagógico do trabalho com sistemas de numeração históricos para o desenvolvimento do pensamento matemático e para a ampliação do significado atribuído aos números por os estudantes.

Para além da atividade de Rotação por Estações, sugerimos a elaboração de questões dirigidas para um momento de debate coletivo, conectando cenas dos filmes a problematizações relacionadas a gênero e sexualidades. Inicialmente, os estudantes participariam de um momento de reflexão em pequenos grupos, registrando suas respostas às indagações formuladas. Em seguida, deslocam-se para uma roda de conversa mediada por o docente, na qual diferentes perspectivas possam ser compartilhadas, confrontadas e aprofundadas coletivamente.

Entre os tópicos sugeridos para o debate, pode-se abordar a trajetória de *Moana*, que, diferentemente de outras princesas da Disney, não apresenta uma narrativa centrada no romance, mas prioriza o autodesenvolvimento, a descoberta de suas origens e a busca pela realização de seus objetivos. Ao assumir a postura



de navegadora, heroína e, consequentemente, líder da vila, *Moana* rompe com estereótipos socialmente atribuídos às mulheres, ao mesmo tempo em que reconhece e valoriza sua ancestralidade, suas emoções conflitantes e o peso de suas responsabilidades.

De modo semelhante, podemos trazer *Mauí* à discussão, pois o personagem também tensiona modelos hegemônicos de masculinidade ao demonstrar insegurança, medo e necessidade de reconhecimento ao longo da história, evidenciando que força e vulnerabilidade não são dimensões opostas. A narrativa também possibilita discutir a importância do conhecimento construído coletivamente, tanto nas interações entre as diferentes vilas e aldeias apresentadas no filme quanto nas contribuições de distintas civilizações ao longo da história.

Ao ampliar o olhar para outras narrativas da cultura midiática, mantém-se o compromisso de compreender a Matemática como linguagem que interpreta, organiza e intervém na realidade. Se, nas atividades inspiradas em *Moana*, o foco recai sobre a construção histórica dos saberes e a valorização de diferentes produções culturais, nas propostas sobre *Frozen* exploram-se possíveis aplicações matemáticas a partir dos contextos apresentados na narrativa. Ainda assim, preserva-se a perspectiva de problematizar como os conceitos matemáticos emergem de necessidades concretas e como esses enredos podem construir pontos de partida para discussões pautadas nos marcadores interseccionais.

As atividades inspiradas em *Frozen – uma aventura congelante* e *Frozen 2* contemplam, de modo central, três campos da Matemática escolar: Geometria, Números e Operações e Grandezas e Medidas. Cabe, contudo, a cada docente analisar seu contexto para avaliar a pertinência de abordá-los de maneira integrada ou isolada, considerando as especificidades de sua realidade escolar.

A primeira proposta envolve o estudo de formas e figuras geométricas a partir da arquitetura presente em diferentes cenas, explorando polígonos regulares e irregulares, composição e decomposição de figuras planas, ângulos e simetrias. Também se sugere investigar padrões associados à formação de fractais, tomando



como referência os flocos de neve e analisando suas propriedades como autossimilaridade e iteração.

Outra possibilidade consiste em trabalhar os números inteiros a partir das variações de temperatura em *Arendelle*, por meio de situações-problema que estabeleçam contextos semelhantes em diferentes localidades do planeta. Nesse percurso, pode-se discutir ainda as distintas unidades de medida de temperatura, como Celsius, Kelvin e Fahrenheit, analisando suas relações e conversões.

A terceira proposta trata da reorganização do reino após o desastre, envolvendo problemas relacionados à distribuição de mantimentos, a logística de recursos e à reorganização populacional. Mobilizam-se conceitos de razão, proporção, porcentagem e estatística, além da interpretação de dados quantitativos para a tomada de decisões. Busca-se desenvolver não apenas procedimentos operatórios, mas também a capacidade de interpretar cenários, avaliar alternativas e justificar escolhas com base em argumentos matemáticos.

As propostas fundamentam-se no desenvolvimento de competências essenciais, como a observação e generalização de padrões, a formulação de hipóteses, a contextualização dos números inteiros em situações de semirrealidade e o uso da Matemática para análise e tomada de decisões, mobilizando diferentes áreas e abrindo espaço para articulações com outros conteúdos pertinentes.

Tal como nas discussões propostas a partir de *Moana*, também nas construídas sobre *Frozen* é possível tensionar as representações de gênero em articulação com outros marcadores sociais que caracterizam as personagens e os contextos apresentados. A posição de *Elsa* como governante, o controle das emoções como forma de repressão e exclusão, as expectativas dirigidas a Anna, as relações de poder no reino e os processos de reorganização social após o desastre permitem indagar como gênero, classe, pertencimento cultural e territorialidade se entrecruzam na constituição das trajetórias individuais e coletivas. Evita-se, assim, uma leitura isolada das categorias, reconhecendo que desigualdades e privilégios são produzidos socialmente de maneira articulada.



Em sala, tais propostas vinculadas ao enredo do filme podem ser efetivadas por meio de discussões coletivas relacionadas à sociedade atual, influências individuais e possíveis soluções. Desta forma, os estudantes assumem papel ativo na análise dos contextos, elaboram argumentos e refletem sobre as consequências sociais da perpetuação de opressões.

Essa perspectiva ultrapassa a análise das personagens e alcança as experiências da própria turma. Ao discutir liderança feminina, responsabilidade política, exclusão, pertencimento e reconstrução social, abre-se espaço para relacionar tais temas às vivências dos estudantes, identificando como diferentes marcadores sociais operam conjuntamente na fabricação de oportunidades e limitações. Nesse movimento, a Matemática deixa de ser apresentada como neutra e passa a ser compreendida como linguagem implicada na organização das estruturas sociais vigentes, podendo contribuir tanto para sua manutenção quanto para sua transformação.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, buscamos investigar de que maneira a análise interseccional de princesas da Disney, mobilizada como recurso formativo e reflexivo, pode contribuir para contestar discursos e práticas da Educação Matemática e favorecer abordagens pedagógicas mais inclusivas. Partimos do entendimento de que tais personagens não constituem meros produtos de entretenimento, mas artefatos culturais implicados na produção de sentidos sobre gênero, raça, sexualidades, sentidos estes que perpassam a escola, inclusive a aula de matemática, e informam expectativas de reconhecimento e pertencimento.

A partir da lente interseccional, evidenciamos que, embora os títulos contemporâneos da Disney apresentem deslocamentos em relação a modelos tradicionais de feminilidade, permanecem atravessados por ambivalências e continuidades estruturais. Personagens como *Elsa* e *Moana* tensionam padrões hegemônicos, mas ainda se articulam a marcadores socialmente valorizados, o que



lhes amplia a legitimidade. Leituras críticas que ultrapassem noções lineares de progresso e questionem as permanências que sustentam desigualdades tornam-se, portanto, fundamentais.

Transposta para o campo da Educação Matemática, essa análise possibilita questionar a pretensa neutralidade da disciplina e evidenciar como expectativas diferenciadas, hierarquizações simbólicas e critérios de normalidade participam da produção de inclusões e exclusões no espaço escolar. Nesse sentido, as propostas didáticas apresentadas não se configuram como modelos prescritivos, mas como dispositivos formativos voltados à reflexão docente e à construção de práticas que reconheçam a pluralidade de experiências e saberes.

Ao articular narrativas midiáticas amplamente difundidas a discussões matemáticas, seja pela valorização histórica dos sistemas de numeração, seja pela exploração de conceitos geométricos, numéricos e estatísticos em contextos narrativos, buscamos evidenciar que a matemática pode ser compreendida como produção humana situada, constituída por necessidades sociais, culturais e políticas, o que contribui para deslocar a disciplina de um lugar neutro e abstrato para um campo de disputa, de problematização e de diálogo.

Reconhecemos que este estudo se limita a uma elaboração teórico-propositiva, sem contemplar análises empíricas de implementação. Pesquisas futuras podem aprofundar os impactos dessas propostas em salas de aula e explorar outras franquias. Ainda assim, acreditamos que a articulação apresentada oferece subsídios à es docentes e à construção de uma Educação Matemática comprometida com encontros de diferenças e com a ampliação dos horizontes de reconhecimento no espaço escolar.

Notas

³ Utiliza-se linguagem não binária para referir pessoas com identidade de gênero não conhecida, por respeito à pluralidade e para tensionar a masculinidade normativa.



Referências

BALISCEI, João; VAGLIATI, Ana Carla. Cultura visual, gênero e embalagens de jogos de ciência: (como) meninas brincam de ciências? **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 26, n. 57, p. 185-208, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v26i57.1505>. Acesso em: 18 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 fev. 2026

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patricia Hill; **Intersecções letais: raça, gênero e violência**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

DAVIS, Angela. Há muita luta para se afirmar a democracia. In: DAVIS, Angela; COLLINS, Patricia Hill; FEDERICI, Silvia. **Democracia para quem?** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 21-56.

FOUCAULT, Michel. **Discipline and punish: The birth of the person**. Harmondsworth, UK: Penguin, 1997.

LEITE, Claudécio Gonçalves. **A construção histórica dos sistemas de numeração como recurso didático para o Ensino Fundamental I**. 2014. 52 f. Dissertação (Mestrado em Matemática em Rede Nacional) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Juazeiro do Norte, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10638/1/2014_dis_cglete.pdf. Acesso em: 16 fev. 2026.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MALINOSKY, F.; RODRIGUES, T. Inclusão e (in)tolerâncias, avanços e retrocessos: o que a sociedade, a escola e a Educação Matemática têm a ver com isso? **Educação Matemática em Revista**, Brasília, v. 24, n. 64, p. 33-51, 2019. Disponível em: <https://www.sbemrasil.org.br/periodicos/index.php/emr/article/view/1991>. Acesso em: 19 fev. 2026.

SKOVSMOSE, Ole. Inclusões, encontros e cenários. **Educação Matemática em Revista**, Brasília, v. 24, n. 64, p. 16-32, 2019. Disponível em: <https://www.sbemrasil.org.br/periodicos/index.php/emr/article/view/2154>. Acesso em: 18 fev. 2026.